

República em Tumulto

O concelho de Caminha nos anos da Grande Guerra,
de Sidónio à Monarquia do Norte e da Pneumónica (1914-1919)

Paulo Torres Bento

Continuação do anterior *Da Monarquia à República no concelho de Caminha. Crónica política (1906-1913)*, publicado por ocasião das celebrações do 5 de Outubro, este livro apresenta uma ampla panorâmica da história do concelho de Caminha de 1914 a 1919, anos que coincidem com extraordinários acontecimentos da história nacional e mundial, com destaque para a Grande Guerra, sem desvalorizar o impacto da **pandemia de gripe pneumónica** e a especial turbulência da Primeira República entre o final do consulado sidonista e a insurreição realista da Monarquia do Norte.

É particularmente focada a participação portuguesa na **guerra mundial**, com realce para a Brigada do Minho e os naturais do concelho que integraram o Corpo Expedicionário Português que combateu na Flandres — incluindo em anexo os seus registos militares personalizados.

Recorrendo à imprensa da época, documentação oficial e arquivos particulares, evidencia-se a intensa rivalidade política entre a vila de **Caminha** e a **Praia de Âncora** — protagonizada por Damião José Lourenço Júnior e Luís Inocêncio Ramos Pereira —, e desvendam-se em primeira mão os sigilos da loja maçónica ancorense Vedeta do Norte.

Refere-se a prisão em 1914 dos fogueteiros de **Lanhelas**, Libório Joaquim e José Maria Fernandes, acusados de conspiração monárquica, e destaca-se a participação dos militares da freguesia na Grande Guerra em 1917 e 1918.

Evoca-se José Pires Moreira, nascido e residente na freguesia de **Âncora**, soldado de Infantaria 3, que no dia 20 de dezembro de 1917 foi o primeiro militar caminhense a morrer em combate nas trincheiras da Flandres.

Descrevem-se os últimos momentos do sargento António Ribas, natural da freguesia de **Vilarelho**, ferido em combate na Batalha de La Lys, que veio a falecer dias depois quando prisioneiro dos alemães.

Detalha-se o sucedido no período da Monarquia do Norte em **Moledo**, com o assalto à residência de João Baptista Rodrigues da Silva e, derrotada a insurreição, a sequente liquidação de contas das autoridades republicanas com os monárquicos locais, com prisões, exílio e a ocupação militar da freguesia.

Assinala-se a morte, em 30 de abril de 1919, do arquiteto Miguel Ventura Terra, natural de **Seixas**, e narram-se as cerimónias da sua trasladação para o cemitério da freguesia em setembro desse ano.

